

O UNBRAL FRONTEIRAS EM BUSCA DE BOAS PRÁTICAS NA DIVULGAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA

RAFAEL PORT DA ROCHA

ADRIANA DORFMAN

O Unbral Fronteiras - Portal de Acesso Aberto das universidades brasileiras sobre limites e fronteiras tem como objetivo geral ampliar a visibilidade da produção científica e intelectual sobre a fronteira brasileira, qualificando as pesquisas e a ação pública. Como objetivos específicos, o Unbral Fronteiras se volta à reunião da produção hoje dispersa, ao aumento da visibilidade e preservação dessa produção, à organização de metadados permitindo a interoperabilidade entre os itens incluídos na base de dados e à produção de análises da produção organizada, publicadas em anuários brasileiros sobre limites e fronteiras (materializado aqui na sua primeira edição).

A proposta de construção de um repositório justifica-se pelas características da nossa produção: multidisciplinar, dispersa no espaço, periférica, pouco organizada e com pequena interoperabilidade. O trabalho de constituição de um portal justifica-se também pelas características do objeto “fronteira e limite”, crescentemente tecnificado (“a fronteira é um banco de dados”, sintetizou o chefe das Aduanas Francesas em comunicação oral); em condição periférica, com implicações na circulação da produção intelectual aí originada; produção essa que responde às especificidades regionais e às demandas por abordagens localizadas.

1 COLABORANDO: TERMOS DE COOPERAÇÃO E PLANOS DE TRABALHO

As instituições de ensino superior têm um papel relevante na produção e organização do conhecimento sobre as fronteiras no Brasil. Como estratégia para a consolidação do repositório temático, temos trabalhado para institucionalizar a colaboração entre universidades e construir o Portal com transparência e para proveito de todos. Por essa razão, redigimos, com a inestimável ajuda da

Bibliotecária Me. Veleida Blank, um termo de cooperação e seu plano de trabalho e o enviamos para a apreciação e eventual assinatura para algumas universidades. As minutas do termo de cooperação e do plano de trabalho podem ser lidas no apêndice II. Isso não significa que pesquisadores individuais seriam excluídos do repositório, apenas desenha uma estratégia em que diferentes instituições participam da consolidação do repositório temático sobre fronteiras e limites, trabalhando para sua preservação e alimentação.

Basicamente, esses documentos dizem que as instituições cooperadoras se comprometem a enviar os materiais publicados sobre limites e fronteiras e a definir um interlocutor interno para gestão das trocas com o Unbral Fronteiras. De nossa parte, nos comprometemos a organizar e disponibilizar esse material num portal, mencionando a fonte e a instituição de origem. Os termos dessa cooperação também podem ser ajustados conforme as demandas das conveniadas.

Tal raciocínio se baseou na experiência que temos na UFRGS, instituição que orienta seus docentes a depositarem sua produção intelectual no repositório institucional, através de sua entrega em formato físico e/ou digital nas bibliotecas para registro, normalização e conservação. Dessa maneira, uma consulta ao repositório institucional LUME, em que se depositam teses e dissertações, recupera hoje cerca de 200 registros, enquanto o Catálogo da Produção Intelectual no SABI da UFRGS apresenta atualmente 160 registros.

Colocar os repositórios em relação pareceu uma boa estratégia de alimentação do Unbral Fronteiras, acatando o princípio da Iniciativa de Budapeste de Acesso Aberto, de “os investigadores que tenham razões para depositar em mais do que um repositório devem apenas ter de depositar uma vez”, o que significa que o acesso aos repositórios institucionais pouparia ao pesquisador individual o trabalho de depositar novamente seu trabalho no Unbral Fronteiras (para consultar os termos propostos pela Iniciativa de Budapeste de Acesso Aberto, vide anexo I).

No entanto, ao dialogar com colegas de diferentes instituições, descobrimos que as práticas tidas como cotidianas na UFRGS não ocorrem em outras IES. Algumas universidades não exigem de seus pesquisadores o depósito, outras o fazem apenas para teses e dissertações. Algumas possuem repositórios

bem consolidados, enquanto outras priorizam diferentes estratégias de conservação da produção. Alguns colegas consideram mesmo que as universidades não têm direitos sobre seus textos e pesquisas, não cabendo a elas reportar a terceiros sobre a produção.

Além disso, as arquiteturas institucionais envolvidas na assinatura de convênios e colaborações são bastante complexas, e atender às diferentes solicitações das múltiplas instâncias é demorado e trabalhoso. Desta forma, dos termos inicialmente enviados, temos a honra de contar com a adesão da UNIPAMPA e de ter o processo bastante avançado com a UFMS, UFGD e UNIOESTE.

Ao mesmo tempo, estamos formulando termos de colaboração e divulgação para documentos e pesquisadores individuais, caso em que o Unbral Fronteiras operaria como uma base de dados de fonte e estudando formas de nos conectar com repositórios como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), situação na qual o portal operaria como uma base de dados de referência. A seguir exploramos tais possibilidades.

2 AS BASES DE DADOS

As bases de dados voltadas para o armazenamento e recuperação da informação são classificadas em Bases de Dados de Fonte e Bases de Dados de Referência. As Bases de Dados de Referência encaminham o usuário para a fonte onde se encontra o recurso informacional, enquanto que as bases de dados de fonte disponibilizam o recurso informacional na forma digital.

Segundo Rowley (2002), Bases de Dados de Referência remetem ou encaminham o usuário a outra fonte, como um documento, uma pessoa jurídica ou pessoa física, para que este obtenha informações adicionais ou o texto completo de um documento. Já as Bases de Dados de Fonte são aquelas que contêm a informação completa (ou dados primários), as quais não requerem do usuário ir a outras fontes para obter respostas (Cunha, 1989).

A internet e os movimentos do Acesso Livre (Budapest, 2015), do Software Livre (Free..., 2015) e dos Arquivos Abertos (Open..., 2015) proporcionaram o surgimento de novos tipos de Bases de Dados de Fonte para a divulgação científica, como os Repositórios Temáticos e os Repositórios Institucionais.

Os Repositórios Institucionais “lidam com a produção científica de uma determinada instituição” (Leite, 2009). Segundo Johnson (2002), Repositórios Institucionais

centralizam, preservam e tornam acessível o capital intelectual de uma instituição e, ao mesmo tempo, formam parte de um sistema global de repositórios distribuídos e interoperáveis que proporcionam fundamentos para um novo modelo desagregado para publicações acadêmicas.

Já os Repositórios Temáticos são voltados a comunidades científicas específicas, tratando da produção intelectual de áreas de conhecimento em particular (Leite, 2009).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção científica contemporânea encontra desafios e possibilidades inéditos, ligados a sua circulação na internet e à implementação de bases de dados, que surgem como necessidade justamente pela abundância e dispersão da produção. O encontro entre o discurso da livre circulação na internet e nossas práticas consolidadas causa muitos momentos de estranhamento e incerteza. As práticas não se consolidaram por acaso ou por simples inércia, elas são fruto de reflexão e de tradições, de boas e más práticas, agora desacomodadas por novas configurações.

A desacomodação das formas de fazer ciência acontece em pelo menos duas direções. Por um lado, ela atinge a posição social dos pesquisadores, cada vez mais inseridos num sistema produtivo e avaliativo, com desempenho tornado quantificável pelas plataformas e repositórios com impacto na remuneração dos pesquisadores. Por outro lado, o acesso ao conhecimento gratuito através da internet parece ter multiplicado o número de pesquisadores e dos trabalhos divulgados, ainda que muito tenha sido dito sobre a diminuição da qualidade do publicado. Questões de direitos autorais, tanto no aspecto moral quanto no patrimonial, se tornam temas a serem administrados pelos pesquisadores, agora empresários de si (o que talvez não seja tão novo, uma vez que Pierre Bourdieu cunhou a expressão para compreender o percurso de Beethoven no início do século XIX).

O fato é que a maneira de produzir e circular informação, inclusive científica, está fortemente influenciada pela internet e que temos, então, a tarefa de debater e nos posicionar sobre o que é necessário e desejável em nossas relações com as instituições que nos empregam e financiam, com nossos colegas com quem colaboramos e com a sociedade que, ao fim e ao cabo, espera de nós respostas sobre as práticas adequadas, tanto no âmbito da produção da ciência quanto naquele das políticas fronteiriças que somos capazes de propor a partir das metodologias que escolhemos empregar.

4 REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. Breve impromptu sobre Beethoven, artista empresário. Disponível em: <http://sociologiac.net/2012/03/26/inedito-breve-impromptu-sobre-beethoven-artista-empresario-pierre-bourdieu/>, Acesso em 03 de maio de 2014.

BUDAPEST Open Access Initiative. Disponível em <http://www.budapestopenaccessinitiative.org/> Acesso em 03 de maio de 2015.

CUNHA, M. B. Bases de Dados no Brasil: um potencial inexplorado. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 18 (1): 45-57, jan./jun. 1989.

FREE Software Foundation (FSF). Disponível em <http://www.fsf.org/> Acesso em 03 de maio de 2015.

JOHNSON, Richard K. Institutional Repositories: Partnering with Faculty to Enhance Scholarly Communication. *D-Lib Magazine*, V.8, n.11, 2002.

LEITE, Fernando César Lima. Como gerenciar e ampliar a visibilidade da informação científica brasileira: repositórios institucionais de acesso aberto. Editora IBICT, 2009.

Open Archives Initiative. Disponível em <https://www.openarchives.org/> Acesso em 03 de maio de 2015.

ROWLEY, Jennifer. *A Biblioteca Eletrônica*. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2002.